



***CURRÍCULOS, CINEMA, GÊNEROS E SEXUALIDADES:
FABULANDO POSSÍVEIS NA EDUCAÇÃO***

***CURRÍCULOS, CINE, GÉNERO Y SEXUALIDADES:
HACER POSIBLE EN LA EDUCACIÓN***

***CURRICULA, CINEMA, GENDER AND SEXUALITIES:
FABULATING POSSIBILITIES IN EDUCATION (***

Sandra Kretli da Silva¹

Marlucy Alves Paraíso²

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa que buscou compor encontros com professoras com o objetivo de pensar a força das imagens cinematográficas em redes de conversações na fabulação de possíveis para a educação. Utiliza como metodologia uma cartografia dos fluxos e das forças que se engendram, tendo as imagens do filme *Carol* como elemento disparador das redes de conversações com professoras. Argumenta-se que os encontros com as imagens cinematográficas em redes de conversações possibilitam a expansão de forças intensivas, a potencialização da coletividade na invenção de novos modos de subjetivação e na luta contra os poderes que tentam normatizar, codificar as escolas e silenciar as conquistas dos discursos feministas e *queer* presentes na produção acadêmica sobre currículos, gêneros e sexualidades. Conclui-se que o signo artístico do cinema faz fluir a força da diferença e da coletividade, potencializando as professoras a criar resistências e fabular *currículos nômades* com novos trajetos para a educação.

PALAVRAS-CHAVE: Imagens cinematográficas. Redes de conversações. Currículos nômades. Gêneros e sexualidades.

RESUMEN

Se trata de una investigación que buscó componer encuentros con docentes con el objetivo de reflexionar sobre la fuerza de las imágenes cinematográficas en redes de conversaciones en la elaboración de posibles para la educación. Utiliza como metodología

¹ Professora do Dtepe e do PPGMPE, Ufes.

² Professora da FAE, UFMG, pesquisadora do CNpQ, coordenadora do GECC (UFMG).

una cartografia de los flujos y fuerzas que se generan con las imágenes de la película Carol como elemento detonante de las redes de conversaciones con los profesores. Sostiene que los encuentros con imágenes cinematográficas en redes de conversaciones permiten la expansión de fuerzas intensivas, la potencialización del colectivo en la invención de nuevos modos de subjetivación y en la lucha contra poderes que intentan estandarizar y codificar escuelas y silenciar las conquistas de discursos feministas y queer presentes en la producción académica sobre currículos, géneros y sexualidades. Se concluye que el signo artístico del cine hace fluir la fuerza de la diferencia y la colectividad, empoderando a los docentes para crear resistencias y para diseñar currículos nómadas con nuevos caminos para la educación.

PALABRAS-CLAVE: Imágenes cinematográficas. Redes de conversación. Nomadic se reanuda. Géneros y sexualidades.

ABSTRACT

The study sought to compose meetings with teachers with the aim of thinking the power of cinematographic images in conversation networks in the fabulation of possibilities for education. It uses as methodology a cartography of the flows and forces that are engendered having the images of the movie Carol as trigger element of the conversation networks with teachers. It argues that encounters with cinematographic images in conversation networks enable the expansion of intensive forces, the potentiation of collectivity in the invention of new modes of subjectification and in the fight against laws that try to standardize and codify schools and silence the achievements of feminist and queer discourses present in academic production on curricula, genders and sexualities. It concludes that the artistic sign of cinema makes the force of difference and collectivity flow, empowering teachers to create resistance and fabulate nomadic curricula with new paths to education.

KEYWORDS: Cinematographic images. Conversation networks. Nomadic curricula. Genders and sexualities.

Introdução: Quando o amor transborda...

*Num filme como em qualquer obra de arte
há sempre algo de aberto.
E procurem em cada caso o que é,
é o tempo, é o todo...*
(Gilles Deleuze)

*Neste mundo existem dois tempos.
Existe o tempo mecânico e o tempo corporal.
[...] O primeiro não se desvia, é predeterminado.
O segundo toma as decisões à medida que avança.*
(Alan Lightman)

O professor, físico, romancista e ensaísta estadunidense Alan Lightman, em um belo livro de ficção, escreve os sonhos de Einstein sobre o tempo. O físico convida a

pensar os sentidos do tempo e os diferentes modos de ser e de estar no mundo por meio de fragmentos dos delírios e devaneios de Albert Einstein sobre o tempo. Em forma de diário, Lightman (1993) expõe acontecimentos, pensamentos, experiências, desejos e sentimentos que provocam movimentos aberrantes³ no tempo. Segundo o autor, muitos “[...] não acreditam que o tempo mecânico exista. [...] Em suas casas eles não têm relógios. No lugar deles ouvem as batidas de seus corações. Eles sentem os ritmos de seus humores e desejos. [...] Essas pessoas fazem amor a qualquer hora do dia” (LIGHTMAN, 1993, p. 25).

No entanto, existem também aqueles que vivem cronometrados, seguindo o movimento do tempo mecânico. O corpo é uma máquina controlada e normatizada que precisa ser produtiva, competente, habilidosa e empreendedora de si para atender aos anseios do capitalismo contemporâneo. Como afirma Lazaratto (2006, p. 69), a máquina capitalística “[...] tem a função de impedir qualquer bifurcação, roubando dos atos, das condutas, dos comportamentos qualquer possibilidade de variação, toda a sua imprevisibilidade”. Assim como nos cotidianos das escolas, a todo instante, *práticas discursivas* tentam capturar com estratégias de poder e normas eficazes para docilizar, normatizar e padronizar os corpos, com o intuito de conter as diferenças.

Diante disso, problematizamos: que tipo de tempo e de corpo interessa à máquina capitalística? Corpo mecânico, corpo triste, competitivo, produtor ou corpo vibrátil, criativo que pulsa com a força do tempo intensivo? Tempo mecânico, tempo intempestivo, tempo *chrónos*, tempo inventivo? Que fabulações podemos criar para driblar e escapar da máquina capitalística e da onda reacionária, conservadora e fascista que tanto nos assombram? Que delírios e devaneios podemos inventar ao pensar a importante conexão entre currículos, gêneros e sexualidades? É possível despovoar e desertificar as imagens clichês criadas em torno dessa temática para que possamos repovoar de outros modos a educação?

Este artigo trata de movimentos de uma pesquisa⁴ que buscou problematizar a força das imagens cinematográficas em redes de conversações com professoras para pensar currículos, gêneros e sexualidades, potencializando as fabulações de possíveis para a educação. Como metodologia, utiliza uma cartografia dos afetos e afecções disparados a

³ Para Lapoujade (2015), a filosofia de Deleuze busca inventariar os movimentos aberrantes que atravessam a vida e provocam deslocamentos no pensamento para se constituir na mais alta potência da existência.

⁴ A pesquisa intitulada *Filmes e conversas por uma estética dos encontros*, desde 2013, realiza encontros com professoras e alunos da educação básica com o intuito de problematizar as propostas curriculares em ação e potencializar os movimentos inventivos curriculares.

partir das *imagensnarrativas* do premiado longa metragem *Carol*, dirigido pelo roteirista e produtor cinematográfico norte-americano Todd Haynes.

O cineasta Todd Haynes — que nasceu em 1961, em Los Angeles, Califórnia, EUA — foi o pioneiro do movimento cinematográfico, surgido nos anos 90, denominado *New Queer Cinema*. O longa-metragem *Carol* é um drama e romance, baseado no livro *The Price of Salt*, de Patrícia Highsmith, publicado em 1952. A escolha de fragmentos desse filme para ser disparadores das redes de conversas com as professoras objetivou violentar o pensamento com o intuito de quebrar os clichês criados em torno da temática “currículos, gêneros e sexualidades” e, assim, modificar as imagens de pensamentos para os currículos, as docências e as escolas. Os encontros com as imagens cinematográficas, seguidos de redes de conversações (CARVALHO, 2009), aconteceram semanalmente durante um trimestre letivo, a fim de problematizar o que tem se tornado intolerável nas escolas e no mundo e potencializar a força da fabulação criadora que emerge a partir das afecções que as imagens provocam.

O argumento aqui desenvolvido é o de que os encontros com as imagens cinematográficas e redes de conversações com as professoras possibilitam a expansão de forças intensivas, a potencialização da coletividade na invenção de novos modos de subjetivação e na luta contra os poderes que tentam normatizar e codificar as escolas e silenciar as conquistas dos discursos feministas e *queer* presentes na produção acadêmica sobre currículos, gêneros e sexualidades. Nosso objetivo é mostrar possibilidades de diálogos a partir das afecções que surgem nos encontros com as imagens, a fim de criar resistências coletivas que possam potencializar a força dos movimentos inventivos curriculares para fabular possíveis para a educação. Força coletiva que atua como fonte de vida para as escolas em busca de composições e experiências com a multiplicidade, com a pluralidade de ideias.

Com uma bela fotografia, uma trilha sonora impecável e um figurino com todo o requinte dos anos 50, o filme *Carol* trata de uma linda e ardente história de amor entre duas mulheres, Carol Aird e Therese Belivet, vivenciada nos anos 50, em Nova York, e oferece pausas e silêncios que possibilitam ao/à espectador/a observar sutilezas, minúcias, afetos e afecções que provocam arroubos no pensamento. Ao não produzir a sonoridade esperada, as pausas e o silêncios provocam-nos a falar, a produzir sons sobre esses silêncios. O primeiro encontro entre as duas personagens acontece numa loja de departamentos em que Therese trabalha como vendedora e Carol entra à procura de um presente para a filha. Os encontros não param mais e, no decorrer do filme, as duas

mulheres decidem caminhar com a força do desejo e afirmar a vida intensiva, mesmo tendo que enfrentar preconceitos e violências. Os gestos de paixão e os olhares de atração das personagens provocam a vibração e o contágio dos corpos. Nas imagens do filme *Carol*, o tempo se movimenta “espasmodicamente” (LIGHTMAN, 1993) e, assim, possibilita o encontro com o tempo intensivo, tempo puro — que jorra fluxos de vida efusiva e faz irromper um amor transbordante.

FIGURA 1: Olhares, gestos, sensações e sentimentos...



Fonte: <https://www.google.com/search?q=imagens+do+filme+Carol&tbm>

Apresentamos, a seguir, fragmentos das sensações manifestadas pelas professoras⁵, que fizeram parte da pesquisa que subsidia este artigo, suscitadas dos encontros com as imagens do filme *Carol* que possibilitaram problematizar os movimentos reacionários e conservadores relativos a gênero e sexualidade, as redes de poderes e os preconceitos ainda presentes nos currículos e nos cotidianos das escolas e fabular possíveis para os currículos e para a educação.

“Emocionante! O filme é lindo! Não dei conta de ver só os fragmentos que foram passados no encontro anterior, quis ver logo ele inteiro. Cheguei em casa e fui procurar o filme. A cena em que Carol pede a Therese para viver com ela foi a mais forte para mim. No início parece que ela fica com receio. Talvez com medo de perder a guarda da filha. Elas não imaginavam todos os desafios que teriam que enfrentar para viver a força daquele amor.”

“Nossa, não consigo imaginar isto em 1950, uma época de bastante machismo. Se hoje já é difícil, imagine naquela época? O machismo imperava, mulheres submissas, mulheres negadas em todos os sentidos. Que direito as mulheres tinham? Que desejos

⁵ As narrativas de professoras serão apresentadas em itálico no decorrer do texto, sem identificação de nomes, pois funcionam como bloco de sensações — força que impulsiona o movimento de pensamento e potencializa as redes de amizade, de solidariedade e a expansão da coletividade nos espaços escolares.

podiam ser expressos pelas mulheres? Eu fico pensando o que essas mulheres tiveram que enfrentar de preconceitos nessa época. De 1950 para 2021, parece que nada mudou, mesmo com todos os movimentos feministas, pois ainda temos muito que lutar para desmitificar os padrões que são impostos pela sociedade. O final foi maravilhoso e eu jamais imaginaria que acabaria assim. Carol se declara e Therese parece compartilhar aquele sentimento. As duas se olham de uma forma que eu não sei nem descrever... [silêncio]. É como se elas não pudessem deixar essa força passar, precisam viver a qualquer custo a intensidade daquela paixão.”

Como pesquisadoras, nos nossos movimentos de pesquisa, acompanhamos essa força arrebatadora dos encontros inusitados, como os do filme *Carol*, que liberam movimentos aberrantes nos currículos. É uma força intensiva que jorra o tempo puro, o tempo da criação e promove a desterritorialização das “verdades” que foram criadas para as escolas, para os currículos e para as docências, incitando a invenção de novos modos de ser e de estar na educação e no mundo. Os encontros com professoras, mobilizados pelas imagens cinematográficas em redes de conversas, potencializam a coletividade a inventar resistências às redes de poderes e a criar processos de subjetivação, capazes de fazer a educação pública brasileira articular com as diferenças.

Apresentaremos neste artigo uma cartografia dos afetos que emergiram a partir das imagens do filme *Carol*. Para fazer circular os afetos e às afecções que insurrecionam, é necessário estar aberta a encontros, ao inusitado que atravessa e faz arroubos nos cotidianos escolares. Para “encontrar”, explicam Deleuze e Parnet (1977), não há método, porém, requer uma longa preparação e uma disposição para despovoar, espreitar possíveis acontecimentos e se reinventar (SILVA; PARAÍSO, 2020).

“É um filme que ressalta a pureza dos sentimentos. Que paixão! Desde o primeiro olhar, algo diferente se apresenta. Carol é determinada, forte, bate de frente, enfrenta os desafios. Ao mesmo tempo que se vê triste, amarrada, tenta escapar e segue. Ela foge, seduz e luta pelo seu desejo. Therese também, né? Ela não se prende, aceita seguir os desejos, não aceitava aquela vida sem sentido.”

“Não sei dizer, mas parece que elas já se conheciam antes. Sem dizer muitas palavras, elas foram se entendendo. Isso não é para qualquer um [risos]. Só com muito amor e atração — tesão! O filme é todo perfeito: desde o figurino, a trilha sonora, as narrativas e as atrizes arrasam.”

“Para mim, o filme causa tensão. No mesmo instante que mostra o sentimento de amor, há também sofrimento, receios, medos, silêncios, angústias, perdas. Fiquei nervosa ao assistir, porque ele faz a gente pensar em tantos preconceitos e como a gente se omite diante deles.”

O encontro com as imagens do filme *Carol* possibilitou diferentes afetos e afecções⁶ que fez reverberar e movimentar pensamentos e relatos das professoras, que queriam expressar sobre o que viram. Possibilitou a problematização da onda neoconservadora e reacionária que tenta silenciar as diferenças que circulam nos cotidianos escolares. Possibilitou que as professoras expressassem o que pensam sobre as sexualidades e as questões de gênero. As professoras, em redes de conversas, refletiram sobre a importância de criar espaços e tempos que acolham diferenças. Nós, em nossa investigação, ao pesquisar com essas professoras e pensar o modo como o filme e as conversas as afetaram, buscamos pensar em trajetos outros que possam expandir a luta coletiva para imaginar currículos vibrantes, nômades, abertos aos encontros poéticos e amorosos que se constituem em composições com as afecções que emergem das dores e delícias da vida cotidiana.

Fica evidente que, nesses outros trajetos, é necessário refletir em conjunto, desejar coletivamente, fabular e inventar experimentações curriculares. Para isso, consideramos que o encontro com os signos sensíveis e artísticos das imagens cinematográficas, seguido das conversas, pode fazer a problematização das normas de gênero e sexualidade, pode fazer pensar em currículos acolhedores dos gêneros e das sexualidades e pode fazer deslizar o pensamento nômade, criando outros possíveis para os currículos e para a educação, como mostraremos a seguir.

O amor e o currículo como sopro e vibração abertos a conexões e composições

Como fazer o pensamento nascer a partir da intensidade ou como pura intensidade problematiza Pelbart (2019), inspirado em Antonin Artaud. Como fazer o pensamento sair do piloto automático? Como romper os clichês que, muitas vezes, podem impedir novos modos de pensar e de vivenciar culturas, currículos, gêneros e sexualidades? Que forças e fluxos de vida são capazes de quebrar os automatismos do pensamento?

⁶ Para Spinoza (2014) um corpo pode ser afetado de muitas formas. Nessa afetação, a potência de ação de um corpo pode aumentar ou diminuir, como pode também não se modificar. As afecções que as imagens provocam no corpo das professoras possibilitam aberturas para pensar possíveis para a educação e para os currículos.

Com base nos resultados da pesquisa que subsidia este artigo, consideramos que imagens como essas do filme *Carol*, seguidas de conversações entre professoras e pesquisadoras, podem produzir estranhamentos, problematizações e aberturas relativas a gênero e sexualidade nos currículos. Afinal, um currículo que se abre a possibilidades busca um pensamento como grau de vibração, em constante movimento para produzir uma educação que acolha a diferença. Procura um pensar que capta e acompanha as vibrações no/do corpo coletivo que inventa, que se desdobra a partir dos desejos e das composições, que se embala nos fluxos dos devires, que abandona os seus limites e as suas formas e se deixa levar pelo jorro do tempo intensivo, dos devaneios, das fabulações e dos delírios. É o corpo escola que “[...] se figura como sopro e vibração” (PELBART, 2019, p. 279).

Uma escola que se constitui com a força das diferentes culturas que ali se abrigam precisa estar aberta para invenção de novos processos de subjetivação que possam fazer borrar as estruturas de aprisionamento das diferenças. As imagens do filme *Carol* entram como linhas de vida, como sopro e vibração, pois possibilitam a problematização das redes de poderes que foram povoando, territorializando e criando códigos de condutas para as mulheres, mães, trabalhadoras, com processos de modelagem e de formatação que excluem tudo e todos que não se encaixam aos padrões da heteronormatividade. As professoras, a partir das afecções suscitadas pelas imagens, ensaiam coletivamente um devir docência que se constitui por meio de alianças, pertencimentos, invenções curriculares plurais, múltiplas, nômades.

O currículo-nômade é “[...] aquele que ocupa territórios e opera a função guerreira contra a castração da liberdade” (PARAÍSO, 2015, p. 276): currículo-acontecimento, que se constitui no plano da vida com corpos que pulsam, vibram, desejam construir um mundo sem feminicídios e homofobias; que luta contra todo e qualquer tipo de “hostilidade à diferença” (PARAÍSO, 2020, p. 29). São currículos plurais, pensados em meio a desmoronamentos e desvios dos planos que tentam homogeneizar, unificar, criar um modelo universal. Currículo-errante, amoroso, que desterritorializa e reterritorializa em conexão com os afectos alegres que potencializam e expandem a vida (CORAZZA, 2012). Currículo pensado como território de multiplicidades de saberes e sentidos, que não se fixa, “[...] foge das âncoras e dos ancoradouros, do pensamento com imagem, fica bem longe do pensamento dogmático e dos clichês. Corre, tenta escapar das grades curriculares, dos aprisionamentos avaliativos” (HOLZMEISTER; SILVA; DELBONI, 2016, p. 421). Currículo que se inventa com a força de ação coletiva que emerge quando

os grupos se colocam em relação para trocar conhecimentos, confrontar ideias e produzir resistências inventivas para enfrentar os racismos, os feminicídios, as homofobias (CARVALHO; SILVA; DELBONI, 2018) e todos os tipos de hostilidades presentes nos cotidianos escolares. A hostilidade, é a “condição da homogeneidade mais despótica” (SKLIAR, 2009, p. 151). A hostilidade, como afirma Paraíso (2020), é “o raciocínio que produz o negativo no currículo”; ela é “o oposto da amorosidade” (PARAÍSO, 2020, p. 37).

Deleuze (2015, 2016) buscou o cinema para pensar o tempo e a diferença, além de explorar o caráter fabuloso do tempo. Para Pelbart (2010), o cinema possibilita inquietar e violentar o pensamento para atingir o tempo como o *Todo aberto*, a *Duração*. O cinema mobiliza novos processos de subjetivação, transformações e invenção; por isso, o nosso projeto *Filmes e conversas por uma estética dos encontros*, que utiliza imagens cinematográficas como força disparadora de movimentos de pensamentos e de redes de conversas e de ideias na educação básica, possibilita que as escolas e todos que nela habitam problematizem o pensamento dogmático, as políticas de centralização curricular e de avaliação. Como nos encontros com as imagens do filme *Carol*, as professoras movimentaram o pensamento e fabularam currículos abertos às diferenças. Esperamos que essas mesmas professoras que movimentam seu pensamento possam contribuir para imprimir outros trajetos aos currículos, inspirados em desejo, sedução e em um amor que pode fazer transbordar fluxos das diferenças e escapar das trincheiras do poder disciplinador que tenta agir controlando as vidas plurais. Afinal, como argumenta Paraíso (2020), “[...] o signo do amor pode acionar uma cultura pedagógica porvir e operar a conexão da diferença com o prazer de ensinar e a alegria de aprender” (PARAÍSO, 2020, p. 32).

No cinema, as imagens são signos. O cinema faz nascer signos que lhes são próprios, mas, uma vez criados, eles voltam a irromper em outro lugar (DELEUZE, 2010). Assim, o mundo se coloca a fazer cinema, e nós nos constituímos cineastas dos nossos tempos (SILVA, 2019), criando e fabulando coletivamente os nossos currículos-nômades, as docências, as aprendizagens e a educação. Os signos são linhas que não estabelecem fronteiras fixas, recusam o jogo das oposições, pois atravessam entre as forças e vibrações. “Os signos não representam nada; não significam nada, mas apresentam; comunicam com outros corpos; são ondas indeterminadas, porém diferenciais, e se revoltam contra a fixação idêntica da linguagem articulada” (PELBART, 2019, p. 280).

O cinema é um dispositivo que coloca em crise “as verdades” criadas no mundo e para o mundo, possibilita problematizar as representações, promovendo atualizações e desdobramentos no tempo e no pensamento. Por meio dos afectos e afecções suscitados pelos encontros com os signos da arte do cinema, as professoras se sensibilizam com os signos, se inquietam, desestabilizam a subjetividade, impondo ao desejo uma vida mais bonita, mais alegre. Nesse movimento, a vida de professoras e das escolas se modificam e se reinventam.

Se pensarmos os abalos, os ruídos e as rupturas que o amor de Carol e Therese, no filme *Carol*, possibilitou em 1950, poderíamos achar sem sentido trazer à tona essa conversa em espaços de formação de professoras nos tempos atuais, depois de setenta anos, sobretudo, se consideramos tanto a ampliação da circulação dos discursos feministas e *queer* como o crescimento de estudos e pesquisas no campo de currículos, gêneros e sexualidades. No entanto, todas essas conquistas ainda não foram suficientes para reduzir a ação de grupos conservadores e reacionários antigênero, que tentam impedir que essa pauta esteja presente nos currículos como conhecimentos importantes para serem trabalhados (PARAÍSO, 2018), em defesa de uma “moral” e de um “modelo” de família (heteronormativa, universal e atemporal).

Em 2017, ano de aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo oficial da educação, presenciamos os efeitos dessa onda conservadora⁷ que atravessa o país, provocando um retrocesso em tudo que havíamos conquistado durante o processo de elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Paraíso (2016a) ressalta o quanto os movimentos sociais lutaram para impedir que os projetos de lei criados por deputados de diversos estados brasileiros, com o intuito de alterar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), fossem aprovados. Tais projetos contestam direitos políticos e sociais conquistados há muitos anos por lutas intensas dos movimentos sociais, colocando em ação variadas estratégias de poder para que as temáticas “gêneros” e “sexualidades” não estejam presentes nas propostas curriculares nacionais, estaduais e municipais do Brasil.

⁷ Essa onda neoconservadora, que atravessou os movimentos das políticas educacionais, com o Projeto de Lei “Ideologia de Gênero”, desqualifica anos de pesquisas no campo de gêneros e de sexualidades, provocando um retrocesso nas nossas conquistas. Por exemplo, no movimento de aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o tema “gênero” foi excluído do documento e “sexualidade” apareceu como conteúdo de Ciências nos três últimos anos do Ensino Fundamental. Isso também ocorreu nos movimentos de reelaboração das Diretrizes Curriculares Estaduais e Municipais, em que constatamos a presença de grupos conservadores que defendem a neutralidade da Educação diante dessa discussão.

Recentemente, o jornal *A Tribuna online*, considerado de maior circulação na cidade de Vitória, ES, apresentou a pauta *Urgência para votar projeto que proíbe cenas obscenas nas escolas*⁸. No texto, o jornal anuncia que a Câmara de Vereadores de Vitória, ES, aprovou no dia 10 de fevereiro, por 9 votos contra 2, a urgência para votar o projeto intitulado *Infância sem Pornografia*, do vereador Gilvan da Federal (Patriota). O projeto proíbe, sob pena de multa, que crianças e adolescentes tenham acesso, em ambientes públicos municipais, a imagens, músicas ou textos considerados pornográficos e obscenos. Prevê, portanto, multa de 5% do salário a ser descontado do servidor que usar material didático com palavrões ou imagem de ato sexual. O projeto ressalva que informação sobre o ser humano e seu sistema reprodutivo é permitido, desde que o conteúdo seja apropriado à idade pedagógica. Ressalta ainda que os pais seriam os responsáveis por denunciar o descumprimento da lei ao ministério público e à prefeitura.

Como uma onda no mar, esse debate está em constante movimento; redes de poderes fazem os projetos retornarem aos pontos de pauta nas instâncias deliberativas, porém nunca faltam movimentos de resistências. Em relação ao Projeto de Lei nº 15/2021, de autoria do vereador Gilvan da Federal (Patriota), que passou na Câmara de Vereadores de Vitória, ES, com 11 votos favoráveis e 2 votos contrários no dia 15 de fevereiro de 2021. O grupo de Professores Associados pela Democracia (PAD-VIX) em Vitória, ES, rapidamente solicitou ao prefeito Lorenzo Pazolini (Republicanos) veto do projeto, lembrando que, em 2018, um projeto semelhante teve sua tramitação suspensa após análise de inconstitucionalidade. Importante pensarmos o que se passa nos corredores dessas redes de poderes, o que se deseja? Que tipos de corpos?

Nas redes de conversas com as professoras, após ver cenas do filme *Carol*, esse assunto emergiu imbricado aos movimentos de defesa para que haja mais debate e formação sobre a temática “gêneros e sexualidades” nas escolas de educação básica e principalmente nos currículos das licenciaturas e de Pedagogia. Uma professora diz:

“Este assunto gênero e sexualidade ainda é considerado um tabu nas escolas. Vejo que muitos professores têm medo, receio de tocar neste assunto. Só que não tem jeito, quando vemos já estamos diante dele. Outro dia um aluno me perguntou sobre pessoas que querem trocar de sexo. Acho que influenciado pela personagem Ivana da novela “Força do Querer”, que descobre ser transgênero: “Por que isso acontece, professora?”, questionava o menino. Eu respondi que preferia que ele conversasse este

⁸ Fonte: <https://tribunaonline.com.br/urgencia-para-votar-projeto-que-proibe-cenas-obscenas>

assunto com os pais dele. E ele disse: tá louca, professora se eu fizer essa pergunta para os meus pais eles me matam.” A professora problematiza: “Como ficam as crianças, os jovens e os adolescentes? Vão conversar com quem e de que maneira? Sabemos que eles conversam com os colegas. Eu escuto, às vezes, falas preconceituosas, mas também vejo o desejo de entender o que acontece, por que acontece, ou seja, vejo que querem falar das diferenças.”

Sabemos que, para muitas crianças, jovens e professoras, a escola é o local privilegiado de disseminação de saberes e de culturas; sendo assim, é importante criar espaços e tempos para dialogar sobre as questões de gênero e sexualidade nos currículos. Gênero é entendido como “efeitos discursivos sobre os sujeitos” (BUTLER, 2003, p. 58) que os fazem se identificar como homens ou mulheres. Trata-se de “[...] um mecanismo através do qual se produzem e se naturalizam as noções de masculino e de feminino” (BUTLER, 2006, p. 70); Uma “norma” produtora, reguladora e normalizadora dos corpos. Sexualidades são desejos, vibração de corpos que, ao se encontrarem, emitem prazeres, emoções e sopro de vida intensiva. Nos nossos encontros, a conexão entre cinema, gêneros e sexualidades mobilizou as professoras a fabularem currículos que se constituem nas relações — currículos-composição — sobretudo para desestabilizar as tentativas de controle das diferenças.

“Eu gostaria de me aprofundar sobre essa temática gêneros e sexualidades, quero ficar mais segura quando sou abordada pelos alunos a respeito dessas questões que envolvem a sexualidade. Fico sempre preocupada de como falar, o que falar, enfim... eu gostaria de entender por que tenho dificuldades, tenho medo do que os pais podem falar, pensar. Fico preocupada de que eles acionem o ministério público. Isso pode acontecer, por qualquer coisa estão ameaçando processar professores.”

“Na verdade, na faculdade falamos pouco sobre este tema. Eu já estou finalizando a minha formação e não me recordo de falar sobre essas questões nas aulas e nem nas escolas que estagiei. Este tema é novo para nós. Sobre o Projeto Escola sem Partido, ideologia de gênero até já ouvi falar, mas nunca fui ver/pesquisar para entender do que se tratava esses projetos, nunca me aprofundei nessa discussão. Acho muito importante que seja conteúdo a ser trabalhado nas licenciaturas.”

O Escola sem Partido e o *slogan* Ideologia de Gênero foram apresentados e discutidos com as professoras que ressaltam como esse tipo de discurso silencia e ameaça a circularidade da diferença nos espaços escolares, mas, em redes de conversas, os processos de resistência são articulados e as professoras coletivamente revitalizam

currículos, docências e fabulam possíveis para as escolas e para a educação. Os encontros realizados para discussão das temáticas currículos, gêneros e sexualidades são imprescindíveis para libertar de algo que estanca o pulsar da vida. Liberação que é necessária para compartilhar indignações e também traçar caminhos que fujam ao controle e afirmem a vida. As professoras, ao compartilharem a vida intensiva, percebem que o mundo com todas as suas diferenças, multiplicidades e complexidades não pode ficar fora do currículo (SILVA E PARAÍSO, 2020).

“Será que os formuladores desses projetos sabem o tanto de casos de crianças que sofrem abusos dentro da própria casa e, muitas vezes, somos nós, professores, que percebemos os sofrimentos das crianças? Cabe a nós esse papel de amparo e proteção.”

“Temos que vencer estes preconceitos. Penso que falar dos preconceitos nas escolas seja importante, pois seria a possibilidade das crianças e dos jovens pensarem sobre o corpo deles e o corpo do outro. Eu tive na minha sala um aluno que fez a opção por se envolver com meninos.”

Nesse instante, uma colega reagiu e argumentou sobre a importância de ampliar processos de formação sobre gêneros e sexualidades nos currículos de educação básica, dos cursos de licenciatura e de Pedagogia:

“Mas isso não é opção amiga, é orientação. No meu ponto de vista, a escola deveria sim ter esse tema como pauta nos seus currículos. Muitos alunos ainda evadem das escolas por serem alvo de chacotas, por não se sentirem bem nesses espaços, sofrem bullying, preconceitos por se comportarem diferente, por não se apresentarem como a norma ou o que diz o padrão. A escola não pode se omitir, precisa abraçar mais esses alunos, colocando em pauta essas situações de preconceitos que vivenciam cotidianamente.”

A fala dessa professora reverbera outras narrativas que possibilitam problematizar os processos de subjetivação criados pela *máquina abstrata de rostidade* (DELEUZE; GUATTARI, 1996), que produz a rostificação de rostos e de corpos, tenta normatizar e codificar um único modo de ser e estar professor, de regular e controlar currículos com os índices medidores das avaliações e de escola, sem pensar nos diferentes contextos e na pluralidade cultural, existentes no mundo. A máquina de rostidade opera na produção social dos rostos, numa rostificação da imagem, de todo o corpo dos sujeitos esquadrihados, de suas terminações, até de seus objetos e de produção de cenários do mundo. Apontam Carvalho e Ferraço (2014, p. 147):

Nesse lugar, podem-se perceber as nuances do trabalho da mídia; como elemento carregado de poder, haja vista a sua potência no que se refere à construção social da realidade, é uma das interlocutoras preponderantes e uma das forças na construção de rostos e/ou na reafirmação de condições de rostidade.

Nesse sentido, as professoras relatam as suas preocupações por não conseguirem atender ao que vem sendo produzido pelas mídias para o “perfil” de professora de educação básica. É um perfil que tenta modelar um corpo físico e dócil de ser professora, inclusive normatizando e controlando as suas condutas. Porém, apresentam, também, acontecimentos e devires que pedem passagem num tempo liso, aiônico, que não se deixa aprisionar. Pelbart (2010) distingue o tempo cronos e aion: cronos é o tempo da medida ou da profundidade desmedida e aion é o tempo da superfície. Cronos manifesta a ação dos corpos, das qualidades e causas corporais. Enquanto aion é o lugar dos acontecimentos incorporais, dos efeitos. Pura forma vazia do tempo, que se libera do corpo presente.

“Minha mãe está aqui do meu lado. Esses encontros de forma virtual têm nos dado essa possibilidade. Quando o assunto interessa, ela fica aqui grudada do meu lado, participando das conversas. E agora ela está aqui me perturbando: ‘vai, conte a sua experiência!’”. [interstício] [silêncio] A professora embarga a voz, mas continua. *“Eu recentemente me assumi gay aqui em casa, para os meus amigos e para todo mundo. Eu trabalho em uma escola e não me sinto confortável de ser eu mesma lá, vocês me entendem? Porque a gente fica pensando, será que os pais vão gostar de saber? Podem pensar que a gente, de algum modo, pode influenciar a sexualidade da criança. Tudo isso vem a nossa mente. Então, a gente acaba se escondendo. É complicado para gente ficar o tempo todo se escondendo, não ser você mesma, não falar o que pensa. A gente precisa acabar com essa homofobia que está enraizada nas escolas e na vida.”*

“Quando eu entrei no curso de Pedagogia, todo mundo me dizia que eu tinha o perfil de professora de educação física. As pessoas me perguntavam se eu era estagiária de educação física e eu respondia que não e dizia que eu era da pedagogia. Insistiam: ‘Nossa, mas você não tem perfil de pedagogia!’. E eu ficava pensando: ‘Como assim? O que é esse tal de perfil de pedagogia?’. Olhava as professoras, pedagogas e pensava: ‘será que eu me encaixo?’. Visualmente, eu tenho mesmo um estilo diferente. Eu gosto de pinturas no corpo e tenho pinturas no corpo. A forma como eu me visto, a forma como eu me coloco, também é diferente, aí eu fiquei pensando será que eu tenho que desistir

de ser professora, desistir da profissão que eu escolhi, daquilo que eu gosto de fazer, só por conta desse perfil, do meu jeito de ser? Isso não é exclusão? Será que eu não deveria lutar por isso? Lutar por essa ruptura? Lutar contra essa padronização? A partir daquele momento, eu percebi que aquilo seria uma causa minha. O mais importante foi que naquele momento eu descobri que eu quero mesmo é ser professora, uma professora que luta contra os processos de exclusão.”

Os relatos das professoras deixam evidente a necessidade da amorosidade operando nos currículos e nas escolas para que elas possam afirmar suas sexualidades sem constrangimentos e então emitir gestos de acolhimento para todas as vidas. Conforme afirma Paraiso (2020), “[...] muito se move em um currículo quando se deixa o gesto amoroso [...] fazer o seu trabalho” (PARAÍSO, 2020, p. 45). Afinal, “[...] o amor faz dançar a cultura que possibilita identificar e hierarquizar em um currículo” (PARAÍSO, 2020, p. 45) e assim aniquilar homofobias, machismos, feminicídios e tantas violências de gêneros e sexualidades, afirmando a vida com as diferenças.

Quando as professoras problematizam alguns códigos de condutas, ou seja, “o perfil” criado para as suas docências, percebem o quanto essa formatação aprisiona possíveis para uma docência inventiva. A docência nômade e acolhedora de todas as vidas fica longe desses perfis, ainda que cada dia fique mais evidente que devires pedem passagem para que encontros inusitados com crianças e jovens com suas diferenças e as afecções possam ter vida nos cotidianos escolares. A parceria, a solidariedade e a luta conjunta são operadores do amor, que podem conectar pessoas na luta por todas as vidas, impedindo as hostilidades de gêneros e sexualidades. As professoras falam sobre isso quando dizem:

“Nossa, mas quem disse que essa causa é sua?”, ressalta uma colega: “Essa causa é nossa. É nossa, porque é uma questão que precisa de luta coletiva. Nós escolhemos ser professoras, que história é essa de padrão. Não quero ser padrão, não! Quero ser eu, mesmo fora dos padrões, eu de carne e osso, com todos os meus pensamentos e sentimentos. Quero estar sempre com a chama acesa, viva, me melhorando a cada dia. É importante pensar: quantas vidas já foram apagadas por conta dessa padronização de corpos e de vidas? Vidas que não se encaixam? Todos os dias recebemos notícias de mulheres que são espancadas pelos seus maridos.”

“Essa história de ter que se esconder. Eu acho mesmo que é preciso se esconder, se fantasiar, isso é o tempo inteiro! Se fantasiar porque não me encaixo naquele contexto. Tem até grupos legais que vão acolher, que vão te convidar para fazer coisas juntos.

Mas, via de regra, é preciso vestir uma fantasia para conviver nos espaços. Recentemente, fiquei mobilizada com um bilhete que a minha escola enviava aos pais. Era um convite com uma imagem bem caricata. Eu fiquei vendo o filme Carol e me lembrando daquelas imagens. A primeira imagem era de um casal bem caricato mesmo: família loira, com uma criança no colo diante de um computador bem apresentado, casa luxuosa e arrumada. A outra imagem era de uma mulher, bem-sucedida, tipo executiva, lógico! O cabelo chegava voar, tinha movimentos. Rica, independente. Aí perguntaram: ‘Alguma sugestão para o convite?’ Aí, pronto não me aguentei e sugeri: ‘Podia mudar as figurinhas, né mesmo? Acho muito caricaturizado. Eu não me vejo nessas imagens’. Aí a professora perguntou que tipo de imagens colocar. Respondi: ‘Ah coloca um monte de pessoas como nós, conversando, ou imagens da escola, do nosso cotidiano’. Esse padrão caricaturizado fica agressivo demais! Porque se não dá para falar das coisas, porque mesmo nas escolas públicas está muito difícil falar de todas as coisas que precisam ser ditas, como por exemplo que a escola deveria ser laica, pelo menos penso que a gente precisa estranhar esses padrões, principalmente quando eles chegam tão caricaturizados. Quem é que cola nessa imagem? precisamos nos perguntar. Porque para mim, não está dando! Sabe aquela imagem da Alice no país das maravilhas? Quando as orelhas começam a cair? Chega uma hora que o aplique vai cair, o nariz vai cair e a gente vai poder se ver, sem máscaras, vai se ver diferente, porque vamos nos modificando também.’”

Como expressa essa professora, vamos nos modificando, por meio das afecções suscitadas a partir das *imagensnarrativas* do cinema, das relações solidárias conectadas pelo signo do amor, dos currículos nômades criados no devir de docências inventivas que se constituem, mobilizados pelas composições e conexões com a diferença. Em redes de amizades e de solidariedades, o coletivo se fortalece potencializado pela força da amizade, pelo signo do amor e da afirmação da vida: vida não modelada, vida que se desdobra, que se reinventa criando modos de ser e estar no mundo.

Foi com imagens de um amor transbordante que politizamos e erotizamos as escolas e a vida. Os efeitos das imagens do filme *Carol* possibilitaram problematizar questões de gêneros e de sexualidades, multiplicando possibilidades de sentir, desejar compor uma ética e uma estética da existência, livre de controles, de normatizações e de hierarquizações da vida. De fato, o currículo é *espaçotempo* complexo e incontrolável (PARAÍSO; CALDEIRA, 2018). Afinal, mesmo com todas as tentativas de regulação, de controle e de disputa, uma vida intensiva jorra a diferença que faz vazar e despovoar o

território, abrindo brechas para novas invenções curriculares que compõem insurreições e processos de resistências.

Em redes de conversações, o coletivo, por meio de perguntas e indagações sobre as nossas atitudes diante de preconceitos, se mobiliza em exercícios de pensamento e começa a acreditar na insurreição dos corpos como possibilidade de desassujeitamento dos jogos das políticas da verdade, que tentam nos fixar em um único modelo, sob a vigilância e controle. Ao rever as crenças acerca das suas experiências coletivas, começam a desejar compor outras relações no corpo social. Carvalho (2016, p. 36) afirma que toda insurreição há de se tornar um acontecimento, uma linha de fuga: “[...] capaz de fazer tremer as serializações da produção de nossa individualidade, de nossas subjetividades. Linhas de fugas, criadas pelos fluxos de forças e intensidades coletivas, que possibilitam as revoltas, os deslocamentos, os processos de resistências e, por fim, as inventividades cotidianas Silva (2020).

Foi possível acompanhar na pesquisa que subsidia este artigo que professoras, após terem acesso aos estudos e às pesquisas no campo de currículo, gêneros e sexualidades⁹, foram se apropriando de conceitos e ideias, se despindo de medos e receios e se abrindo para expressar um desejo coletivo de insurgir e afirmar culturas plurais, currículos-nômades, errantes e eróticos nas escolas.

Currículos-nômades são tecidos por meio dos encontros inusitados que despovoam os territórios escolares dos seus pressupostos, para repovoá-los de outros modos. Nesse movimento de desterritorialização, a terra se esvazia dos homens, porém, ao mesmo tempo, ela se repovoa, “[...] com tudo o que há de não humano no homem e fora do homem, as inumeráveis populações minoritárias de direito, as massas moleculares que suscitam os devires da desterritorialização absoluta” (LAPOUJADE, 2018, p. 295).

Para Lapoujade, uma das forças do cinema para Deleuze, seguindo uma intuição de Schefer, é que o cinema reproduz as condições de engendramento das condições do deserto, pois possibilita os corpos nascerem a partir de uma luz branca e de uma obscuridade quase total. O cinema possibilita o pensamento sem imagem, o desdobramento. Esse espaço vazio, sem imagem, pede um corpo para fazer composição, um corpo que entra em relação com as alucinações e delírios. Assim, problematiza: “[...]”

⁹ Sugerimos alguns textos para leitura: *Imagens-cinema e redes de conversações: linhas de fuga para pensar as questões de gêneros e de sexualidades nos cotidianos escolares* e *A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência*, entre outros.

Como constituir um novo corpo sobre o deserto do corpo sem órgãos?” (LAPOUJADE, 2018, p. 302).

Um corpo sem órgãos não é um corpo vazio, é um corpo que se distribui segundo movimento de multidões e de multiplicidades que nos povoam e nos desterritorializam. Tais alucinações, delírios e fabulações nos fazem continuar acreditando no mundo e nas possibilidades de repovoá-lo. Os encontros de professoras e pesquisadoras com as imagens do filme *Carol* despovoam e desertificam o pensamento das professoras. Fazem deslocar os modelos criados e modelizados para o perfil de professoras, mulheres, trabalhadoras que hostilizam diferenças de gêneros, sexualidades e desejos. Possibilitam abrir fluxos e forças para o deslizar da fabulação problematizadora de normalizações de gêneros e sexualidades. Instigam a coletividade na criação de novos processos de subjetivação abertos ao acolhimento da diferença. Abrem possibilidades de resistências movidas pelo amor para a invenção de outros possíveis e para a “efetivação de currículos com gêneros e sexualidades hospedeiros da diferença e abertos ao aprender” (PARAÍSO, 2016b, p. 212).

As imagens cinematográficas atuam como explosão de ideias que jorra energia para o coletivo de professoras se reinventarem nas docências. Redes de conversas, encontro, acontecimento, força que faz vibrar as diferenças e multiplicidades e promove fabulações, delírios que movimentam o impensado no pensamento. Esses delírios, fazem o coletivo se potencializar, desejar e acreditar no mundo. Um mundo novo criado pelos bandos e matilhas que com suas diferenças buscam escapar e driblar das máquinas mortíferas que habitam a terra, reinventando-se infinitamente.

Referências

BUTLER, Judith. *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós, 2006.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Janete Magalhães. *O cotidiano escolar como comunidade de afetos*. Petrópolis: DP et Alii, 2009.

CARVALHO, Janete Magalhães; FERRAÇO, Carlos Eduardo. A rostidade da figura do professor e do aluno por entre os muros da escola: docência e práticas curriculares. *Currículo sem Fronteiras*, Pelotas, v. 14, n. 3, p. 143-159, set./dez. 2014.

CARVALHO, Janete Magalhães; SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tania Mara Zanotti Guerra Frizzera. Currículo como corpos coletivos. *Currículo sem Fronteiras*, Pelotas, v. 18, n. 3, p. 801-818, set./dez. 2018.

CARVALHO, Alexandre Filordi de. Creio na insurreição dos corpos: Foucault e um esboço de anarqueologia dos vivos de outros governos. In: RAGO, Margareth; GALLO, Silvio (org.): *Michel Foucault e as insurreições: é inútil revoltar-se?* São Paulo: Fapesp; Intermeios, 2017

CORAZZA, Sandra Mara. Contribuições de Deleuze e Guattari para as pesquisas em educação. *Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais*, n.8, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Ano Zero: Rostidade. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1996. p. 31-62. v. 3.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pélbart. São Paulo; Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. *A imagem-tempo: cinema 2*. Tradução de Souza Dias. Lisboa: Documento, 2015.

DELEUZE, Gilles. *A imagem-movimento: cinema 1*. Tradução de Souza Dias. Lisboa: Documento, 2016.

HOLZMEISTER, Ana Paula Patrocínio; SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tania Mara Zanotti Guerra Frizzera. Por um currículo nômade: entre artistagens e invencionices. *Currículo sem Fronteiras*, Pelotas, v. 16, n. 3, p. 416-428, set./dez. 2016.

LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. Tradução de Laymert Garcia dos santos. São Paulo: n-1 edições, 2018.

LAZARATTO, Maurizio *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIGHTMAN, Alan. *Sonhos de Einstein*. Tradução de Marcelo Levy. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. Currículos, gêneros e sexualidades para fazer a diferença. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (Org.). *Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades*. Belo Horizonte: Mazza edições, 2018.

PARAÍSO, Marlucy Alves. “Gabriel e eu” ou o amor é o signo que faz a diferença! In: PARAÍSO, Marlucy Alves; SILVA, Maria Patrícia. (Org.). *Pesquisas sobre currículos e culturas: tensões, movimentos e criações*. Curitiba: Brazil Publishing, 2020. p. 29-54. v. 1.

PARAÍSO, Marlucy. Currículo-nômade: quando os devires fazem a diferença proliferar. In: KIRCHOF, Edgar; WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Estudos Culturais e Educação: contingências, articulações, aventuras, dispersões*. Editora Ulbra: Canoas, 2015. p. 269-288.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência. *Currículo Sem Fronteiras*, Pelotas, v. 16, p. 388-415, 2016a.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo e relações de gênero: entre o que se ensina e o que se pode aprender. *Linhas*, Florianópolis, v. 17, p. 206-237, 2016b.

PELBART, Peter Pal. *Ensaio do assombro*. São Paulo: n-1edições, 2019.

PELBART, Peter Pal. *O tempo não reconciliado*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SKLIAR, Carlos. Fragmentos de Experiencia y alteridade. In: SKLIAR, C.; LARROSA, J. Orgs.) *Experiencia y alteridade em educación*. Buenos Aires: Homo sapiens Ediciones, 2009.

SILVA, Sandra Kretli da. As imagens cinematográficas como força que impulsiona o devir pensamento no cotidiano escolar. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 59, out./dez 2019.

SILVA, Sandra Kretli da. Des/obedecer, des/dobrar, des/fiar e tecer uma nova ética da existência nos cotidianos escolares. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 36, 2020.

SILVA, Sandra Kretli da.; PARAÍSO, Marlucy Alves. Imagens-cinema e redes de conversações: linhas de fuga para pensar as questões de gêneros e de sexualidades nos cotidianos escolares. *Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais*, v. 13, n. 2, 2020.

SILVA, Sandra Kretli da.; PARAÍSO, Marlucy Alves. E sacode a poeira: fazendo o currículo embalar em composição com imagens cinematográficas e professoras. *E-Curriculum*, v.18, n. 4, 2020.

SPINOZA, Baruck. *Ética*. Tradução de Tomás Tadeu. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

Recebido em abril de 2021.

Aprovado em junho de 2021.